

TODAS AS TRIBOS

O CALDO ENGROSSA

Grupos de mães usam as redes para apoiar os filhos e convocar a participação nos protestos. Manifestações também atraem artistas e estrangeiros

TEXTO ROBERTA SALOMONE E THIAGO JANSEN



Manifestação hoje em São Paulo
AP



Ainda que jovens universitários sejam uma parcela significativa dos manifestantes nas principais cidades do país — hoje, há protestos em oito capitais —, eles não estão sozinhos. Iniciativas e grupos se formaram nas redes sociais para engrossar as fileiras de protestos. São mães de estudantes, aficionados por tecnologia, brasileiros no exterior e estrangeiros, inclusive gente que, na impossibilidade da presença física, garantiu apoio virtual.

Mãe da fotógrafa Anna Clara Carvalho, de 23 anos, a psicóloga Regina Coeli Carvalho, de 58, foi apoiar a participação da filha na manifestação de hoje no Rio. Sua presença seria também uma lembrança de outros atos dos quais ela própria participou no passado.

— Com 13 anos, estive na minha primeira manifestação de rua. Desde então, tenho participado de muitas. É muito cômodo criticar o comportamento dos jovens sem fazer nada. Se queremos que as coisas mudem, devemos demonstrar nosso apoio, apesar da preocupação que possamos sentir por eles. Por isso, estarei também lá — afirma Regina. — Estou feliz de ver a minha filha engajada também porque ela é um reflexo do meu ativismo. E se eu quero que as coisas mudem, temos que estar presentes.

A jornalista Maria Antônia Demasi, de 49 anos, conta que teve que enfrentar na última quinta-feira a experiência angustiante de acompanhar de casa, pela televisão, os protestos no Centro de São Paulo, enquanto sua filha caçula, Beatriz, de 18 anos, participava do ato. Assustada com a truculência da polícia, que não economizou balas de borracha e bombas de gás lacrimogênio para reprimir os manifestantes, Maria Antônia só se tranquilizou quando Beatriz chegou em casa, por volta das 22h, sã e salva. Hoje ela decidiu que as coisas seriam diferentes.

Maria Antônia criou na última sexta-feira o evento “Mães na Manifestação”, com o objetivo de reunir outras mães que, como ela, não gostariam de ficar de braços cruzados.

— Pensei: “Quero reunir um monte de amigas e mães que passaram pelo perrengue de se preocupar com os filhos enquanto eles participavam da manifestação e ir para as ruas também”. Falei com a minha filha Beatriz sobre a ideia, ela me ajudou a criar a página e, a partir daí, as coisas foram se desenvolvendo sozinhas — afirma Maria Antônia, que disse que não ficaria perto da filha durante o protesto em São Paulo, mas participaria com as demais mães contra o aumento da passagem e do custo de vida nas cidades da Copa.

Hoje, por volta de 17h, a página do evento já contava com mais de 2.100 confirmações de mães, que marcaram o ponto de encontro em frente ao



Instituto Tomie Ohtake, às 16h, em São Paulo. De lá, caminharam até o Largo da Batata.

Caroll Cohen, de 47 anos, também resolveu que desta vez estaria na manifestação em São Paulo, como as suas filhas. Mãe de duas jovens, uma de 20 e outra de 18, e de um menino de 6 anos, ela também aderiu à página “Mães na Manifestação”:

— Muitas de nós já participaram de protestos quando jovens, como as “Diretas Já”, ou mesmo na ditadura. Por isso, não cabe a nós coibir a participação dos nossos filhos, mesmo que fiquemos com receio por eles. Estar lá, participando, atenua um pouco a angústia de saber que eles podem estar em perigo. E é uma questão moral apoiarmos o movimento para ocorram mudanças.

A escritora Noemi Jaffe, de 51 anos, é outra cujo apoio à participação dos filhos vai além da mera preocupação. Para ela, a presença de pais no protesto ajuda a legitimar o ato e as suas reivindicações.

— Meus filhos participaram do protesto em São Paulo na semana passada. Após ouvir os seus relatos, e depois de ver toda a repercussão da violência policial, fiz uma convocatória no meu perfil no Facebook chamando outros pais para participarem das manifestações. Dessa forma, o movimento não fica caracterizado como algo inconsequente, sem relevância. Suas reivindicações são variadas e sérias — afirma Noemi, que diz sempre ter tido um histórico engajado.

O empresário, programador e “nerd” Marco Gomes resolveu ajudar de maneira mais prática às manifestações de hoje: durante o fim de semana, ele criou um aplicativo de mapa colaborativo para que qualquer pessoa com um smartphone possa enviar informações sobre o protesto, em tempo real, e ajudar em algum eventual tumulto. Sua ideia veio ao observar, no protesto da última quinta-feira, como o Twitter foi útil na disseminação de informações sobre os confrontos.

— O interessante é que, com essa iniciativa, todos que estão na rua conseguem contribuir, em tempo real, com informações sobre o que está acontecendo, indicações de áreas com wi-fi livre, pontos de reunião. Isso ajuda as pessoas a se guiarem e evitarem áreas de conflito, por exemplo — afirma ele, que participa da manifestação de hoje e ressalta que não são só os jovens que estão na rua. — Tem muita diversidade. Claro que os jovens estudantes são a maioria, mas tem gente de perfil variado, das mais diversas profissões. Até quem está andando na rua muitas vezes acaba se juntando ao grupo.

E os participantes não se restringem aos que estão no país. Morador da cidade





de Turim, na Itália, o estudante de design Pedro Aurélio Rocha criou, com uma amiga que estuda na Alemanha, a página no Facebook “Democracia não tem fronteiras”, que reúne uma lista atualizada com manifestações em várias partes do mundo. Até às 18h de hoje, já eram mais de 60 eventos em cidades como Paris, Bruxelas, Chicago, Toronto, Tóquio, Oslo, Estocolmo, e 11 mil participantes.

— Cresci em um ambiente familiar muito politizado. Sempre fui incentivado a pensar e interpretar o que vejo e ouço — conta Pedro, de 22 anos. — Quando começamos, éramos 30 pessoas de três cidades da Europa. Cada vez que eu entro na página e vejo os números aumentando, ainda me surpreendo. Mas, com a surpresa, vem a felicidade de saber que as pessoas querem se manifestar, querem protestar e lutar por seus direitos.

O professor de jiu-jítsu e representante do projeto social Vão Vive, Cadu de Oliveira, de 38 anos, também mora fora do país e não pensou duas vezes antes de participar da manifestação que aconteceu ontem no Central Park, um dos pontos turísticos mais famosos de Nova York. Nos Estados Unidos desde 2006, ele foi convocado para o evento pelo Facebook:

— A ideia é mostrar que, mesmo de longe, queremos a mudança de nosso país. Eu acredito que quando estamos fora nos sensibilizamos ainda mais sobre a realidade do Brasil. Queremos mostrar que estamos divididos por fronteiras mas unidos na mesma missão — acredita Cadu, que já se dirigia a outro protesto, marcado para a tarde de hoje na Union Square.

Vídeos feitos por internautas foram compartilhados e fizeram sucesso nas redes sociais. O do fotógrafo Michel de Souza, batizado de “No olho do furacão” teve

Mães se concentram para a manifestação em São Paulo
REPRODUÇÃO/MARIA ANTÔNIA DEMASI



mais de 140 mil visualizações desde sábado. O carioca fez um registro com as suas imagens durante o protesto no Rio na semana passada e foi assunto também em sites e blogs internacionais. Já o #changebrazil alcançou mais de 740 mil visualizações em três dias. Produzido em inglês e com legendas em português e espanhol, recebeu quase 10.000 comentários, muitos deles vindos de pessoas de outros países.

Na Califórnia desde os 18 anos, quando foi estudar Cinema, Carla Dauden postou hoje: “No, I’m not going to the World Cup” (Não, eu não vou à Copa do Mundo). Segundo a diretora de fotografia, ela percebeu que quando dizia que era brasileira, os estrangeiros comentavam que iriam ao Brasil ver os jogos. No YouTube, ela cita os gastos com a Copa e a situação econômica e política do país.

Mesmo aqueles que gostariam, mas não poderão ou têm medo de estar presente nos protestos encontraram espaço para demonstrar apoio. Criada pelo publicitário Bruno Azevedo, de 30 anos, a página no Facebook “Vem pra janela” convida os simpatizantes que ficarão em casa a pendurar nas janelas de suas casas e apartamentos tecidos brancos como sinal de apoio.

— No ato da última quinta-feira, em São Paulo, observei que muitas pessoas olhavam a manifestação das janelas, querendo participar, mas, por algum motivo, não desciam. Assim, tive a ideia de criar o movimento #vemprajanela, para permitir que essas pessoas possam de alguma forma fazer parte das manifestações. A coisa começou pequena, mas, em pouco tempo, alcançamos quase 200 mil participantes na página, com diversos fotografando suas janelas com panos brancos — conta Bruno. ●

roberta.salomone@oglobo.com.br

thiago.jansen@oglobo.com.br





ARRASTE



—
OLHO ROXO

O PROTESTO DOS FAMOSOS

Fotógrafo de moda, o carioca Yuri Sardenberg acordou no sábado passado com uma ideia de trabalho diferente das que está acostumado a fazer. Inspirado pelas manifestações que tomam conta de várias cidades do país, ele resolveu chamar alguns amigos para o ensaio “Dói em todos nós”. Famosos como as atrizes Thaila Ayala e Fernanda Rodrigues, o ator Paulinho Vilhena e a modelo Yasmin Brunet toparam o convite na hora. Participaram do protesto vestindo blusa preta e com maquiagem que simulava um soco no olho, numa referência à jornalista paulista Giuliana Vallone, que foi atingida por uma bala de borracha no protesto da semana passada.

— Liguei para algumas pessoas e reservei um estúdio para fotografar, mas levei um susto quando vi a quantidade de gente que apareceu lá. Foram quase



cem pessoas, e o trabalho se estendeu até domingo — conta Yuri, que pediu que as imagens fossem publicadas no Instagram e no Facebook por volta das 17h da tarde de ontem. Logo, vários internautas começaram a se retratar com o olho roxo, trocando suas fotos nos perfis nas redes sociais.

Vilhena e a namorada, Thaila, postaram suas fotos quase juntos e usaram também as hashtags “muda Brasil” e “dói em todos nós”. A imagem de Thaila recebeu mais de 25 mil “curtidas” até o fim da tarde de hoje.

“Acorda Brasil essa é nossa chance de mudar, de crescermos, de brigarmos por uma educação decente, saúde, segurança. Chega de impunidade, de mensalão, de políticos podres de ricos comprando iates com nosso dinheiro. Chega de obras bilionárias que nunca chegam a fim para que possam roubar mais e mais. Chega de se calar, chega de aceitarmos tudo o que nos é imposto! Vamos às ruas, vamos às janelas, vamos às redes sociais, vamos gritar, vamos nos unir!”, escreveu a atriz paulista de 27 anos.

A modelo Yasmin Brunet, que tem mais de 64 mil seguidores no Instagram, também fez sucesso com a foto em preto e branco.

“Isso é por nossos direitos! Não é pelos 20 centavos. É pela ditadura e democracia inexistente, repressão e opressão, correntes e prisão sem muros, a roubalheira do governo, pela falta de atenção e prioridade da saúde e educação, pela violência. Nós somos brasileiros e não fugimos à luta!”, disse a filha de Luiza Brunet. **_ROBERTA SALOMONE**

